

krajcberg

instituto de arte contemporânea

P E T I T E G A L E R I E

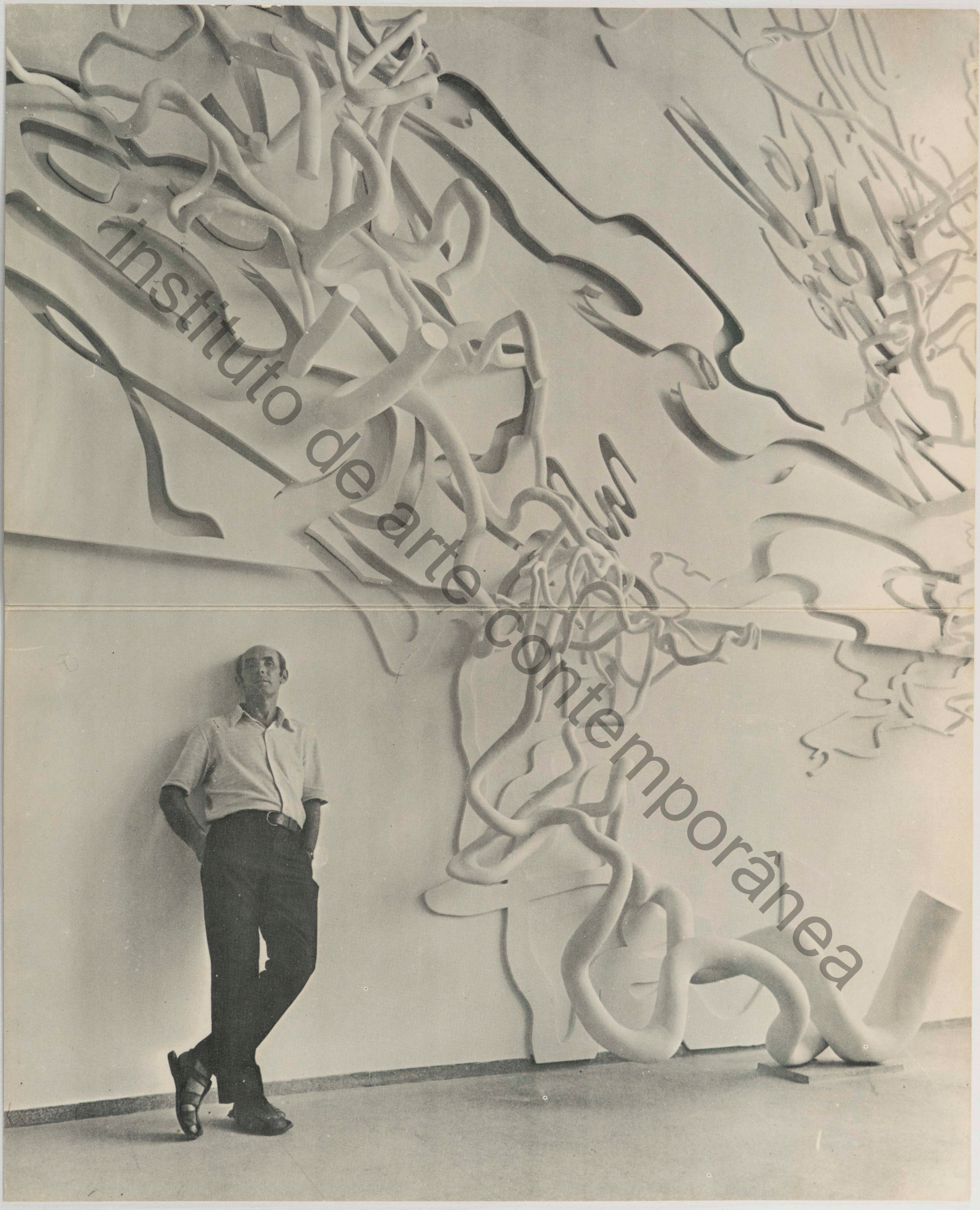
PRAÇA GENERAL OSÓRIO, 53

RIO DE JANEIRO

14 DE SETEMBRO DE 1970

-

ÀS 21 HORAS



. . . “O segundo lance (de sua carreira) se articula numa série de evidências claramente aceitas, descrevendo o inflexível encaminhamento de uma sensibilidade dirigida para a pesquisa de uma comunhão imediata e profunda com a natureza, um verdadeiramente enraizamento telúrico. A conduta representativa se transforma em apropriativa. A história dos oito ou nove últimos anos da vida de Krajeberg é a da passagem da pintura expressionista aos relevos e às efervescências do papel, da gravura à estampagem direta e, enfim, do relêvo de terras ou de pedras à escultura-objeto.

Tôda esta evolução, é desnecessário acentuar, se efetuou sob a égide da mais rigorosa necessidade lógica. Frank Krajeberg sempre foi um pintor naturalista. Mas o naturalismo, neste polonês do Brasil, é muito mais do que um simples “parti-pris” representativo: é simultaneamente um moral e uma higiene da visão, no modo individual de participação cósmica.

Esta exigência fundamental de participação levou o artista a abandonar a linguagem pictórica de transposição da natureza e a substituí-la por um tratamento realista cada vez mais imediato e objetivo. Em confronto com a série expressionista das “Florestas” e das “Arvores” (1956-57) os relevos em papel já simbolizam mais realisticamente as rachaduras do solo e as intumescências das crateras argilosas. Daí à concretização da colagem direta de terras e de pedras escolhidas “in loco”, havia contudo uma etapa a transpor. A distância entre as duas operações é grande, embora inscrita na continuidade linear de uma mesma perspectiva: a barreira é a persistência dos preconceitos de expressão devidos a uma cultura estética tradicional. Krajeberg resolveu o problema, a partir de 1962, com o regresso às fontes, isto é, retornando à natureza. Em Ibiza foi êle recolher a matéria prima de seus relêvos de terras naturais. Paralelamente, desenvolveu êle um extraordinário método de estampagem direta em papel japonês, graças ao qual obteve gravuras em alto-relêvo que reproduziam fielmente as formas de um córtice ou de um tronco de árvore, a topografia de um terreno.”

. . . “Os objetos-testemunhas da grande aventura naturalista de Krajeberg nos abrem as portas de um domínio poético no qual a estética é generalizada, no qual a natureza produz arte. Mas êstes tesouros, preciosas obras-primas de alquimia extra-temporal das plantas e das pedras, devem ser conquistados: êles exigem de seus “inventores” o sôpro do amor e a pureza do olhar. O amor pela natureza brasileira fêz de Frans Krajeberg um dos cavaleiros dêste Graal, em contato com o qual experimentei, mais do que nunca, a perturbadora verdade da célebre definição axiomática de André Malraux: a arte é um anti-destino.”

Pierre Restany - Paris, 1966.

. . . “Historiadores e sociólogos da arte frequentemente nos advertem que com o desaparecimento do artesanato tradicional, a partir da revolução industrial, as fronteiras da arte gradualmente se estreitam, o que logo a converteria em um domínio super-povoado, forçado a admitir nas áreas da “higt art” todos aquêles artesões que anteriormente sobreviviam e se expressavam adequadamente nas artes aplicadas. Krajeberg é um dos raros artistas cujos trabalhos, nos últimos anos, prova o absurdo destas teorias. Na verdade êle expandiu o domínio da arte através da exploração de muitas de suas possibilidades insuspeitadas, empregando materiais que nunca haviam sido utilizados por artistas, descobrindo novas maneiras de transformá-los, retirando da natureza, e mesmo da indústria, novas formas e novas texturas. Nas suas gravuras, por exemplo, êle emprega o papel para fins inteiramente novos, dêle extraindo formas, texturas e efeitos que o transformam em uma substância cujo aspecto já não nos é mais familiar.” . . .

E. Roditi - New York, 1969.